

# ITINERÁRIO PARA O ENSINO DO GÊNERO FÁBULA: A FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM UM MINICURSO

Joaquim Dolz<sup>1</sup>  
Gustavo Lima<sup>2</sup>  
Juliana Bacan Zani<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo refletir acerca da validade didática (SÉNÉCHAL e DOLZ, 2019) de um minicurso enquanto dispositivo de formação continuada de professores de Língua Portuguesa a partir da implementação de itinerários no ensino do gênero fábula. Nesse intento, lançamos aqui os seguintes questionamentos: 1) como o contexto particular de um evento científico permite desenvolver uma ação de formação continuada? 2) quais são os objetos de formação desenvolvidos no minicurso e como se articulam à temática de um evento científico? 3) quais são as sequências de atividades que contribuem para a formação dos professores? Defendemos aqui a posição de que o conhecimento sobre a maneira de desenvolver os objetos da formação nas práticas efetivas permite compreender as prioridades atribuídas e analisar o trabalho do formador (DOLZ e GAGNON, 2018). Os resultados evidenciaram que, apesar da limitação do tempo pedagógico imposto pela formatação do evento científico, a fórmula de minicurso proposta foi uma oportunidade única de discutir conjuntamente sobre questões de ensino e de aprendizagem de gêneros com itinerários por meio de reflexões teóricas e de simulações de situações didáticas que contribuem para o desenvolvimento profissional do professor. Outrossim, o minicurso também se revelou um potencial dispositivo híbrido de formação continuada, dada a diversidade cultural e a dimensão territorial do Brasil.

**Palavras-chave:** Formação Continuada; Didática do Oral e da Escrita; Análise de Práticas de Formação; Sequência de Formação; Gênero Textual Fábula

## Itinerary for the fable genre teaching: the teacher education in a minicourse

**Abstract:** This article aims to reflect on the didactic validity (SÉNÉCHAL and DOLZ, 2019) of a workshop as a device for continuing education of Portuguese language teachers from the implementation of itineraries in the teaching of the fable genre. In this attempt, we raise the following questions: 1) how does the particular context of a scientific event allow the development of continuing education? 2) what are the training objects developed in the short course and how are

---

<sup>1</sup> Universidade de Genebra (Joaquim.Dolz-Mestre@unige.ch)

<sup>2</sup> Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (ghlima.prof@gmail.com)

<sup>3</sup> Universidade São Francisco (zani.julianabacan@gmail.com)

they linked to the theme of a scientific event? 3) what are the sequences of activities that contribute to the training of teachers? We defend here the position that knowledge about how to develop training objects in effective practices allows to understand the priorities assigned and to analyze the work of the teacher/trainer (DOLZ and GAGNON, 2018). The results showed that, despite the limitation of the pedagogical time imposed by the formatting of the scientific event, the proposed short course formula was a unique opportunity to jointly discuss teaching and learning genres issues through theoretical reflections and simulations of didactic situations that contribute to the professional development of the teacher. Furthermore, the short course also proved to be a potential hybrid device for continuing education, given Brazil's cultural diversity and territorial dimension.

**Keywords:** Continuing Education; Didactics of Oral and Writing; Analysis of Training Practices; Training Sequence; Fable Textual Genre.

## INTRODUÇÃO

Um dos caminhos para orientar as práticas de linguagem no contexto escolar e melhorar o ensino da expressão oral e escrita dos alunos é, sem dúvida alguma, a formação inicial e continuada<sup>4</sup> do professor. Com base nesse entendimento, compete às universidades, enquanto instituições formativas primeiras, oferecer um currículo que possibilite a articulação entre os saberes teóricos e pedagógicos necessários ao exercício da docência, os quais vão desde o domínio dos conhecimentos relativos aos objetos de ensino ao contato com as experiências do terreno escolar. Nesse processo, a integração entre as ciências da linguagem e da educação, a análise das capacidades de linguagem dos alunos, o estudo acerca dos processos de apropriação das práticas orais e escritas, a elaboração de dispositivos de ensino e o desenvolvimento de metodologias de ensino devem estar no centro das atividades formativas para o ensino de língua.

Em um país como o Brasil, em que ainda há poucas políticas públicas voltadas à democratização dos estudos de letramento, a formação docente com vistas ao desenvolvimento dos saberes a ensinar e dos saberes para ensinar língua (HOFSTETTER e SCHNEUWLY, 2009) é extremamente importante. Sob esse viés, questões em torno de como formar o professor para o ensino da expressão oral e escrita e de quais saberes particulares e experiências profissionais são mobilizados por esses profissionais têm sido alvo de alguns estudos.

---

<sup>4</sup> Nos referimos à Formação Continuada e não formação contínua, pois queremos insistir no processo e intenção de uma formação que tenha um segmento e que não seja uma simples intervenção pontual.

Em pesquisa recente, direcionada à formação de professores no contexto suíço-francófono, Dolz e Gagnon (2018) observaram vinte e oito sequências de formação inicial do professor sobre a produção escrita a fim de caracterizar os objetos abordados e como os mesmos são organizados na dinâmica da formação. O conhecimento sobre a maneira de desenvolver os objetos da formação nas práticas efetivas permitiu aos pesquisadores compreender as prioridades atribuídas e analisar o trabalho do formador. Os resultados evidenciaram que a formação mobilizava cinco tipos de saberes: 1) saberes sobre o contexto, as finalidades e prescrições institucionais; 2) saberes de referência sobre os objetos a serem ensinados; 3) saberes sobre as capacidades e aprendizagens dos alunos; 4) saberes sobre os dispositivos e tarefas a serem realizadas no processo de ensino; 5) saberes sobre as experiências práticas profissionais dos docentes no terreno escolar. A dinâmica do trabalho e de colaboração entre o formador e os professores durante a formação sobre os diferentes saberes tinha como objetivo transformar o modo de pensar, de falar e de agir didaticamente com os alunos, de sorte que os saberes formalizados lançaram luz não só ao desenvolvimento profissional, mas revelaram também movimentos de tensões e resistências.

Paralelamente, pesquisas sobre a descrição, a análise e a compreensão das práticas de formação (NONNON, 1997; GOIGOUX, 2006 e VANHULLE, 2006) se debruçaram nos processos sociais e cognitivos dos saberes profissionais. E, por fim, encontram-se também pesquisas relacionadas aos impactos das práticas e das interações formativas (CICUREL, 2011). No Brasil, uma pesquisa sobre o ensino da linguagem oral (ZANI, 2018) destaca a importância da interação professor/formador, do objeto de ensino e do aluno/aprendiz. Nessa tríade, um conhecimento vai sendo construído, mas os gestos didáticos do professor/formador se revelam fundamentais para o processo de desenvolvimento das capacidades languageiras do gênero ensinado em questão.

Tomando como referência os resultados dessas e outras pesquisas, surgiu, assim, o nosso interesse em experienciar o funcionamento e as potencialidades de um minicurso como dispositivo de formação continuada no âmbito de um evento científico no Brasil. A proposta, então, foi a de refletir acerca da validade didática (SÉNÉCHAL e DOLZ, 2019) do minicurso enquanto dispositivo de formação a partir da implementação de uma proposta de ensino de gêneros por

meio de itinerários<sup>5</sup>. Para tal, as questões norteadoras foram: 1) como o contexto particular de um evento científico permite desenvolver uma ação de formação continuada? 2) quais são os objetos de formação desenvolvidos no minicurso e como se articulam à temática de um evento científico? 3) quais são as sequências de atividades que contribuem para a formação dos professores?

Guiados por esses questionamentos, delineamos os seguintes objetivos para este estudo: 1) caracterizar o minicurso enquanto dispositivo de formação docente; 2) identificar as dimensões ensináveis do gênero fábula e propor um modelo didático para esse gênero; 3) apresentar a diferença entre a sequência didática e o itinerário como dispositivos de intervenção didática; 4) descrever as etapas e atividades da sequência de formação e a dinâmica entre os participantes do minicurso; 5) apontar as contribuições do minicurso para o desenvolvimento profissional dos professores e, de forma indireta, as implicações deste para o desenvolvimento das capacidades de linguagem dos alunos.

## METODOLOGIA

O minicurso “Da sequência didática ao itinerário para o ensino da expressão oral e escrita” foi ministrado pelo Professor Dr. Joaquim Dolz (UNIGE) entre os dias 14 a 15 de novembro de 2018, no âmbito da XXVII Jornada Internacional do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste (GELNE), na cidade do Recife, Estado de Pernambuco. O público-alvo era constituído de professores da educação básica e do ensino superior e de alunos da graduação e da pós-graduação, perfazendo um total de aproximadamente 60 participantes.

O objetivo era o de desenvolver as competências de pesquisa em Linguística Aplicada e as competências profissionais dos professores de língua portuguesa. Quanto à organização, o minicurso foi estruturado em 4 horas, com os seguintes conteúdos programáticos: a) os gêneros orais e escritos como instrumentos de comunicação; b) critérios e indicadores da avaliação e de autoavaliação do gênero; c) análise dos obstáculos e estratégias de desenvolvimento das capacidades de linguagem (de ação, discursivas e linguístico-

---

<sup>5</sup> Discutiremos sobre esse conceito mais adiante.

discursivas orais e multimodais); d) normas e convenções do gênero e busca de estratégias e estilo pessoal; e) seqüências didáticas e itinerários para o ensino.

O tratamento dos dados seguirá um viés etnográfico, cruzando as informações recolhidas nos diferentes dados reunidos: materiais do minicurso (ementa, atividades), caderno de notas, registros audiovisuais, materiais elaborados pelos participantes, entrevista semiestruturada com o formador e contato com os participantes antes e após o minicurso (comunicados e troca de materiais por e-mail).

## O MINICURSO: UM DISPOSITIVO DE FORMAÇÃO ASSOCIADO AOS EVENTOS CIENTÍFICOS

Iniciamos a nossa discussão situando a noção de minicurso assumida neste trabalho. De antemão, não foi uma tarefa fácil, pois muito pouco se encontra sobre esse evento científico na literatura disponível. Sobre o termo minicurso no dicionário, encontramos: *mi-ni-cur-so* - (mini- + curso) - substantivo masculino = Curso de curta duração ou que não aborda conteúdos de grande profundidade. Já em páginas de diferentes chamadas de Simpósios e Congressos, há referências ao minicurso como evento de curta duração que visa a apresentar uma visão mais geral de um tópico de pesquisa, de interesse da comunidade acadêmica e científica, de forma que os participantes tenham a oportunidade de aprender sobre um novo assunto vinculado à sua área de atuação e também de extrair elementos para serem aplicados em sua pesquisa e/ou prática (SBSI, 2016).

Tradicionalmente, nos eventos acadêmicos em ciências humanas no Brasil, em especial, os de Educação e de Linguística Aplicada, se propõem minicursos associados a temáticas dos congressos, aproveitando a presença de especialistas reconhecidos a nível nacional e internacional. Nesse contexto, o minicurso se configura, pois, como uma atividade concomitante ao congresso que exige uma inscrição prévia dos participantes. As temáticas abordadas estão sempre relacionadas aos objetivos e problemáticas a serem discutidas no evento científico,

---

<sup>6</sup> "Mini-curso", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2020, <https://dicionario.priberam.org/mini-curso> [consultado em 24-05-2020].

porém com um viés para a formação dos profissionais da área que atuam em diversas instâncias da educação básica ou do ensino superior.

Alguns pontos positivos e relevantes de um minicurso em um evento científico são: 1) possibilita seguir a formação com um especialista da área de reconhecimento nacional ou internacional; 2) favorece a transposição de pesquisas e de trabalhos científicos recentes às práticas profissionais; 3) contribui para a divulgação de novidades da pesquisa e inovações pedagógicas; 4) fomenta a interação com um público heterogêneo, de horizontes geográficos e profissionais diferentes, permitindo trocas de experiências; e) apresenta-se como curso concentrado em um curto período de tempo; 5) viabiliza e dissemina novos saberes construídos entre os participantes; 6) permite o envio e a troca de materiais a serem produzidos antes e depois do minicurso; 7) impulsiona a criação de uma rede colaborativa de trabalho através do envolvimento de profissionais interessados pelas mesmas temáticas e projetos de pesquisa; 8) possibilita alternar um trabalho presencial com um segmento a distância, utilizando as novas tecnologias; 9) pode ser avaliado pelos participantes e 10) confere certificação posterior aos participantes.

Entretanto, do ponto de vista da formação continuada, os minicursos apresentam uma série de limitações, especialmente no que concerne ao acompanhamento diferenciado das práticas docentes: 1) o tempo destinado ao trabalho não assegura a transposição dos conhecimentos e o prosseguimento das ações experienciadas em outros espaços formativos, como a escola, por exemplo, ainda que o formador solicite atividades prévias ou posteriores; 2) a articulação entre as dimensões teórica e prática é particularmente complexa, pelo fato de as atividades estarem concentradas em um curto período de tempo; 3) existe dificuldade em adaptar os conteúdos considerando as diversidades acadêmicas e profissionais; 4) a solicitação para a entrega de atividades previamente ou posteriormente ao evento nem sempre é atendida; 5) a certificação por participar de um minicurso nem sempre é reconhecida como curso de formação.

Apesar disso, a sistemática de realização de minicursos é muito frequente nos eventos científicos do Brasil, sendo um lugar particular para a articulação entre pesquisa, formação e práticas que visem o desenvolvimento acadêmico e profissional de todos os envolvidos: formador e participantes.

## O MODELO DIDÁTICO DO GÊNERO FÁBULA ADOTADO NO MINICURSO

Oriundas da tradição oral, não se sabe ao certo onde e quando surgiram as fábulas, mas os primeiros registros de que se têm conhecimento no mundo ocidental datam da Grécia Antiga. Escritas inicialmente com a intenção de regular comportamentos das pessoas a partir de normas e valores vigentes na sociedade da época, esse gênero literário sofreu algumas transmutações ao longo da história por influência de elementos da cultura cristã e europeia, sobretudo no que concerne ao efeito moralizante e ao tom irônico e satírico. Entretanto, foi somente na França, em meados do século XVII, que a fábula, de fato, ganhou notoriedade e universalidade graças as releituras de La Fontaine, cujas produções fabulísticas passaram também a ser voltadas ao público infantil<sup>7</sup>, com o objetivo de transmitir ensinamentos com base em princípios morais e éticos vigentes.

No Brasil, o marco inicial desse gênero é atribuído ao Romantismo, movimento estético-literário que, em razão dos ideais de exaltação da terra e de construção de uma identidade nacional, “motiva a imbricação de forma e tema clássicos com as modificações formais e temáticas da fábula a partir do alongamento narrativo por influência da loquacidade do povo brasileiro e da inserção no cenário fabulístico da paisagem, fauna e flora nativas” (SANTOS, 2001, p.50). Inicia-se, a partir de então, um movimento de reconfiguração do gênero em terras tupiniquins, de modo a aproximá-lo da natureza e da cultura local. Assim, para atender os anseios da estética romântica, a moralidade passa a ser expressa em um discurso mais coloquial, sem, contudo, perder as características da tradição clássica. Outrossim, a adaptação da fábula à realidade nacional pôs em embate animais prototípicos da fauna brasileira, com perfis psicológicos distintos e em posições, por vezes, antagônicas no reino dos bichos.

Somente em meados do século XX, nos primórdios do movimento modernista, é que percebemos alguns desconfortos e tensões em relação ao cânone europeu do gênero fábula, num claro processo de desidentificação com este, a começar pelos constantes questionamentos aos preceitos morais presentes nas fábulas clássicas. Também é nesse contexto que há uma legitimação e uma difusão, em âmbito nacional, do gênero fábula entre as crianças, graças ao esforço

---

<sup>7</sup> originalmente, as fábulas eram escritas apenas para o público adulto.

de Monteiro Lobato, que retomou e ressignificou algumas dessas fábulas na obra *Sítio do Picapau Amarelo*<sup>8</sup>, destinada prioritariamente ao público infantil. Mais tarde, a fábula também passaria ainda a utilizar-se de ditados populares e provérbios regionais para construção da moral, além de incorporar, pelo viés do questionamento estético modernista e pós-modernista, outros elementos locais, como o satirismo e a ironia. A título de exemplificação, temos as fábulas parodiadas por Millôr Fernandes, que são destinadas ao público juvenil e adulto e cujo teor apresenta um tom mais político, contundente e crítico frente a realidade social.

Devido a sua estreita relação com a sabedoria popular, a fábula permanece até hoje construindo e difundindo ensinamentos que estabelecem um elo de verossimilhança com inúmeras situações da vida cotidiana. No que concerne à composição desse gênero, é possível identificar duas partes substanciais: uma narrativa breve e uma lição ou ensinamento. Segundo Portella (1983), “estas duas partes La Fontaine chamou de corpo e alma da fábula. O corpo é representado pela narrativa que trabalha as imagens e dá forma sensível às idéias gerais. A alma são exatamente as verdades gerais corporificadas na narrativa” (p.121).

A construção da narrativa da fábula é sempre e orientada por um argumento (verdade) que se quer provar. Nela, há um embate geralmente protagonizado por animais, os quais personificam estereótipos e características psicológicas humanas distintas, de modo a convencer o leitor sobre uma suposta verdade, também denominada de moral, lição ou ensinamento, que é explicitada no final ou inferida a partir do contexto da narrativa. Aliás, é o efeito pedagógico da fábula que a distingue de outros gêneros similares, tais como a lenda e o conto de fadas, por exemplo. A “moral da história”, como se diz no popular, deve, portanto, constituir-se de uma verdade universal, que é o centro (“a alma”), o ponto de partida para a construção da narrativa (“o corpo”), a qual “deve ser o mais breve e concisa possível para não desviar a atenção do leitor da verdade geral” (PORTELLA, 1983. p.122).

Ainda sobre a narrativa fabulística, Portella (1983) e Dezotti (2003) atentam para a presença ampla e irrestrita de alegorias que se materializam por meio de

---

<sup>8</sup> Obra clássica da literatura infantil brasileira. Um reino mágico, com personagens encantados e encantadores que experienciam aventuras que mobilizam o universo do fantástico e do imaginário infantil.

uma linguagem figurativa, num jogo de enigmas e simulacros para dizer algo. Tal recurso exige do leitor um esforço interpretativo a fim de desvelar “a verdade” pretendida. Outro elemento a ser observado na fábula é o uso da ironia, que exerce um papel de excelência na dissimulação e provoca um efeito de sentido contrário aquilo que efetivamente foi dito. Quanto à estrutura da narrativa, observa-se ainda a presença constante de diálogos com períodos curtos de fala, que se alternam entre os personagens na construção do argumento (verdade) que se quer defender.

A caracterização do gênero fábula feita até aqui já nos permite delinear algumas de suas dimensões ensináveis na perspectiva de torná-la um objeto de ensino mais relevante nas aulas de língua portuguesa. Nesse movimento, alguns pesquisadores brasileiros têm apontado alguns caminhos possíveis para o trabalho com esse gênero nos diferentes eixos de ensino.

Bagno (2006, p.51), por exemplo, sugere um viés temático, por meio do qual as fábulas “poderiam suscitar boas discussões em torno de temas como a solidariedade, a injustiça social, a vaidade, a ganância, o espírito de vingança, o autoritarismo etc.” Desse modo, aspectos em torno da validade ou da aplicabilidade da moral à sociedade contemporânea ou ao contexto cultural local poderiam ser problematizados pelo professor em sala de aula. Atividades de comparação de versões distintas da mesma fábula também poderiam se mostrar eficazes no sentido de que oportunizariam aos alunos estabelecer pontos de contato entre elas, bem como identificar a orientação argumentativa subjacente à narrativa e sua relação com a moral pretendida. Seria ainda um momento oportuno para levar os alunos a realizarem uma análise interpretativa da fábula não só a partir da conduta, do perfil psicológico ou do caráter dos personagens, mas também dos discursos assumidos por eles na narrativa, especialmente no que diz respeito às questões ideológicas neles imbricadas.

A discussão temática a partir do gênero fábula também favoreceria o desenvolvimento da argumentação oral, na medida em que, ao se posicionarem criticamente diante dos temas propostos, os alunos teriam que selecionar e organizar argumentos para expressar seu ponto de vista. No que concerne às questões da língua, o professor poderia explorar o léxico e os recursos linguísticos utilizados na construção da argumentação, como, por exemplo, os efeitos de sentido decorrentes do uso de figuras de linguagem no texto, tais como metáforas, onomatopéias, hipérboles, eufemismos e ironia.

Outra possibilidade de abordagem do gênero, numa interface com o eixo da leitura, vislumbriaria a delimitação da situação de comunicação para a produção de uma coletânea de fábulas dos alunos. Para tal, o professor poderia selecionar e apresentar “várias fábulas, usando procedimentos didáticos diversos, como, por exemplo, o de pedir a eles que leiam uma fábula que ainda não conhecem, deem um título a ela, ou coloquem uma outra moral” (BAGNO, 2006, p.52). Tais estratégias auxiliariam, a nosso ver, no exercício e no desenvolvimento criativo da escrita por parte dos alunos.

Com base no exposto, apresentamos aqui uma síntese das dimensões ensináveis do gênero fábula que foram adotadas no nosso minicurso, a saber: a) a construção da moral; b) a planificação dos personagens; c) a estrutura narrativa; d) as características linguístico-discursivas. Em relação à primeira dimensão, a construção da moral, o trabalho com a fábula em sala de aula deve prover inicialmente aos alunos subsídios para a construção do argumento que se quer defender. Nesse momento, a exploração de provérbios e ditados populares pode se mostrar uma estratégia bastante eficaz. Em relação à segunda dimensão, a planificação das personagens, é importante que o aluno seja capaz de construir o perfil psicológico dos personagens que irão compor a narrativa, sem perder de vista a orientação argumentativa do texto. Nesse sentido, atividades de pesquisa e de leitura de artigos científicos sobre animais diversos da fauna local, por exemplo, podem auxiliar os alunos na escolha do léxico a ser utilizado. Já a terceira dimensão, a estrutura narrativa, compreende o “tronco” que possibilitará a sustentação do argumento da fábula. Nesse processo, a observância dos referentes textuais, da estrutura dialógica e dos organizadores temporais é imprescindível. Por fim, a quarta e última dimensão, as características linguístico-discursivas, diz respeito à mobilização de recursos linguísticos necessários à produção do efeito de sentido pretendido para o gênero. Assim, aspectos como a seleção lexical, a utilização de figuras de linguagem, a adjetivação das personagens, as estruturas linguísticas e o uso de tempos verbais devem ser objeto de reflexão.

## DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA AO ITINERÁRIO

O objetivo explícito do minicurso evoca o interesse de refletirmos sobre novos dispositivos de ensino de gêneros. A sequência didática (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004), tal como a concebemos, é organizada

em torno de módulos de trabalhos centrados nas dimensões problemáticas e/ou nas dificuldades dos alunos em relação à produção de um gênero oral ou escrito. Enquanto dispositivo, a sequência didática exige uma avaliação das capacidades de linguagem iniciais mobilizadas para a produção de um determinado gênero, para só assim propor uma intervenção por meio de atividades que possibilitem avanços em relação ao processo de produção do gênero. A sequência didática parte sempre de um projeto de comunicação motivador para os alunos e deve permitir que eles compreendam a situação de comunicação proposta e se envolvam na realização das atividades subsequentes que os levarão progressivamente a um domínio mais efetivo do gênero e, por conseguinte, ao desenvolvimento da (s) capacidade (s) de linguagem a ele associadas.

Durante o minicurso, o professor formador, partindo da sequência didática clássica, propôs uma sequência de atividades mais complexa intitulada de itinerário (COLOGNESI e DOLZ, 2017), o qual consiste em ampliar a prática de escrita ou de expressão oral para além de uma produção inicial e uma produção final. Nessa perspectiva, os alunos são motivados a escrever e a falar sempre que algo novo lhes é apresentado ao longo dos ateliês<sup>9</sup>. Cada etapa, porém, deve ser precedida de uma atividade metalinguística que os faça refletir sobre a produção já realizada, o que pode ocorrer por meio de questionamentos e de problematizações que culminarão em um processo de aprimoramento do texto e/ou de retextualização (MARCUSCHI, 2001). Ademais, é imprescindível que o itinerário possibilite a articulação entre atividades de leitura e compreensão com atividades de análise do gênero e de produção oral e escrita.

Em relação ao minicurso proposto, os participantes tiveram que realizar ao longo do itinerário pelo menos três produções do gênero fábula: a escrita inicial, a escrita final e a retextualização da escrita para o oral.

Em síntese, as principais características do itinerário podem ser assim descritas:

1) Reiteração progressiva das atividades de linguagem. Em lugar de uma produção inicial e uma produção final, a escrita e a fala são reiteradas em cada

---

<sup>9</sup> Para marcar as diferentes etapas na produção textual, Coppola utiliza a expressão « atelier filé » e não módulo, como ocorre na sequência didática clássica.

etapa. Trata-se de ampliar as atividades de escrita, de expressão oral e de leitura e compreensão em cada ateliê. A grande vantagem disso é a possibilidade de multiplicar as atividades de compreensão e interpretação oral e escrita e de atividades de escrita e revisão, bem como de reescrita e de expressão oral;

2) Em lugar de propor um trabalho intensivo de uma só vez, como proposto em uma sequência didática, a divisão dos ateliês é organizada com pausas depois de cada nova produção, mas sem perder a coerência do projeto comunicativo;

3) A avaliação continuada segue o ritmo de trabalho. Ao final de cada etapa, se propõe uma avaliação formativa sobre as dimensões abordadas no ateliê, centradas no trabalho que foi realizado com os alunos sobre o gênero textual;

4) A centralidade deve ser nos processos de compreensão e de produção dos alunos. Cada etapa exige a realização de atividades metalinguageiras, de conceptualização e de retorno reflexivo sobre os pontos centrais de cada ateliê;

5) Possibilidade de combinar as modalidades oral e escrita de um mesmo gênero (no nosso caso, a fábula clássica, a fábula brasileira, e a representação teatral da fábula), modalidades centradas no conteúdo temático e nas dimensões de oralização do gênero.

6) O itinerário permite trabalhar vários gêneros associados em um mesmo projeto. No nosso caso, a leitura de artigos enciclopédicos sobre animais para descobrir as características e poder estabelecer prioridades na descrição dos personagens da fábula.

Ressaltamos aqui que o trabalho com itinerários não se apresenta em contradição com as sequências didáticas, mas permite resolver dois problemas: 1) desmembrar a sequência didática em ateliês, a fim de ampliar as atividades de linguagem dos alunos e 2) permitir a realização de projetos pedagógicos consistentes e motivadores como um retorno reflexivo sobre os processos implicados nas atividades de linguagem.

Com o itinerário, é possível, portanto, visualizar melhor as relações entre as atividades produzidas, dando a oportunidade para os alunos produzirem mais e retomarem, de forma reflexiva, as suas produções orais ou escritas ao longo do processo.

## AS ATIVIDADES FORMATIVAS DO MINICURSO: DA PLANIFICAÇÃO À IMPLEMENTAÇÃO

A fim de atingir os objetivos elencados ao minicurso, o itinerário proposto pelo formador lançou mão de algumas estratégias formativas, tais como atividades de leitura, exposição dialogada e dramatização/representação oral de textos escritos, além de atividades envolvendo materiais didáticos, como a utilização de jogos, por exemplo. Aqui, interessa-nos discutir apenas sobre as atividades formativas, embora entendamos que haja um processo de imbricamento natural destas com as estratégias de formação. Em razão disso, apresentaremos, a seguir, um pouco mais acerca das etapas do itinerário e das atividades formativas propostas, bem como o modo como elas foram implementadas no âmbito do dispositivo de formação docente minicurso.

### As atividades formativas do minicurso

A coletivização do conhecimento científico e o desenvolvimento profissional do professor devem permear as ações didáticas no âmbito de qualquer dispositivo de formação docente. Para tal, faz-se necessária uma atitude colaborativa entre todos os envolvidos, professor formador e professores em formação, para que haja uma efetiva implementação daquilo que foi planejado. No entremeio desse processo, as atividades formativas desempenham um papel importante na dupla semiotização do objeto da formação, seja na sua relação com uma prática social de referência, seja na apropriação dele por parte dos professores em formação.

No âmbito do minicurso, as atividades formativas possibilitaram o contato do professor com o objeto de estudo (a fábula) e algumas de suas dimensões ensináveis, a saber: título, composição das personagens, estrutura dialógica-argumentativa e moral/ensinamento. Do ponto de vista organizacional, as atividades foram realizadas em pequenos grupos e distribuídas em três etapas, cada qual explorando itinerários e capacidades de linguagem específicas a partir do gênero proposto. Vejamos, a seguir, uma síntese do itinerário proposto e da planificação das atividades do minicurso:

**Quadro 1** - itinerário e planificação das atividades formativas

E-TA-PA	ITINERÁRIO	ATIVIDADE	OBJETIVO	CAPACIDADES DE LINGUAGEM MOBILIZADAS <sup>1</sup>			
				CA	CD	LD	CM
1	Escrita » oral	Atividade 1: leitura em voz alta das produções iniciais do gênero fábula escritas previamente por alunos no contexto escolar.	Diagnosticar as capacidades de linguagem iniciais dos aprendizes (alunos da educação básica) sobre o gênero fábula.	X	XX	XX	X
2	Escrita » oral	Atividade 2: leitura e análise de uma fábula “brasileira” escrita pelo professor formador	- Apresentar um exemplar de uma “fábula brasileira” aos participantes e refletir sobre as características do gênero.	X	XX	XX	X
3	Escrita » oral	Atividade 3: jogo de cartas com imagens de diferentes animais da fauna brasileira  Atividade 4: leitura e socialização de artigos enciclopédicos sobre animais da fauna brasileira (seu	Ampliar o conhecimento dos participantes sobre a fauna brasileira, de modo a auxiliar na composição psicológica dos protagonistas da fábula.	X	XX	XX	X

		habitat, suas características físicas e comportamentais etc.)				
4	Escrita » oral	Atividade 5: socialização de provérbios populares	Construir a moral e a linha argumentativa da fábula a partir das relações entre os provérbios, o perfil psicológico dos animais e os possíveis papéis desempenhados por eles na sociedade contemporânea.	X	X	X
5	Escrita » oral	Atividade 6: escrita orientada para a representação teatral da fábula	Explorar aspectos prosódicos (entonação, ritmo, intensidade, altura, duração) e corporais (gestos, expressão facial, postura etc.) da fala.	X	X	X

CA – Capacidades de Ação      CD – Capacidades Discursivas

CLD – Capacidades Linguístico-Discursivas      CM – Capacidades Multimodais

Fonte: elaborado pelos autores

Conforme o quadro acima, a atividade inicial do minicurso consistia em uma socialização de uma produção inicial de uma fábula. Para tanto, foi solicitado, com antecedência, por e-mail, que todos os inscritos no minicurso enviassem uma fábula produzida por um aluno da educação básica. Com base na análise desse material, o professor formador esperava não só identificar as capacidades iniciais dos aprendizes em relação ao gênero, mas, a partir dessa

diagnose, definir quais seriam as dimensões ensináveis, de modo a desenvolver, junto com o grupo de participantes, uma proposta de ensino para o gênero fábula em itinerários. Todavia, nem tudo correu como o planejado, pois apenas um grupo realizou parcialmente a atividade proposta e com adaptações. Ou seja, a fábula apresentada não foi escrita por um aluno da educação básica, mas produzida coletivamente pelos próprios participantes.

O não cumprimento da atividade tal como fora solicitado foi, sem dúvida, o primeiro desafio para as pretensões do formador, pois, diante da impossibilidade de um diagnóstico mais preciso das capacidades iniciais dos aprendizes em relação ao gênero, restou a ele explorar os elementos trazidos por uma única fábula produzida por professores. Assim, o grupo foi convidado a fazer a leitura expressiva da fábula para todos presentes. O conteúdo versava sobre o aumento populacional de rolinhas<sup>10</sup> em uma cidade interiorana do Nordeste do Brasil que estava prejudicando o plantio e o cultivo dos agricultores da região. Apesar de o texto apresentar vários elementos da fauna e flora locais e de contemplar algumas características do gênero fábula, tais como título, animais, diálogos e moral/ensinamento, havia, em alguns trechos, a referência a seres humanos, algo que não é comum ao gênero e que prontamente foi apontado pelo professor formador, que, de pronto, aproveitou o ensejo e já direcionou o grupo para a realização da atividade seguinte: a leitura expressiva de uma “fábula brasileira” de sua autoria, intitulada “Dona onça e o Tatu-bola”.

A fábula versava sobre uma onça que teve o seu descanso interrompido por um grupo de tatus-bola que brincavam nas redondezas. Incomodada com o barulho, ela resolve, então, caçar o tatu mais gordinho para a sua refeição. Todavia, os tatus, ao se darem conta do perigo iminente, prontamente cavaram uma toca que se estendeu por debaixo da terra para bem longe de onde estava a onça. Moral da história: “Tatu velho não se esquece do buraco”. A partir da leitura coletiva dessa fábula, o professor formador, por meio de alguns questionamentos, convidou os participantes a se colocarem publicamente sobre o aforismo presente na fábula, atendando ainda para o perfil psicológico dos animais protagonistas: a onça e o tatu-bola. Essa discussão serviu de mote para a

---

<sup>10</sup> Ave típica de algumas regiões brasileiras.

atividade seguinte, a qual consistia em um jogo de cartas com animais típicos da fauna brasileira, conforme mostra a ilustração a seguir:

**Figura 1** - Jogo de Cartas - animais



Para realização dessa atividade, os participantes foram divididos em pequenos grupos e receberam algumas cartas com figuras de animais, conforme apresentado na figura 1. Os grupos pesquisaram, conversaram entre si sobre os aspectos psicológicos de cada animal. Por meio dessa atividade, foi possível ampliar, de forma lúdica, o conhecimento dos participantes acerca da fauna local: aspectos comportamentais dos animais, seus modos de vida e habitat. Tais elementos ajudaram na composição dos personagens que iriam protagonizar a fábula a ser produzida mais adiante.

A atividade seguinte envolveu o resgate de alguns provérbios e ditados populares<sup>11</sup> da cultura local. Os participantes foram motivados a verbalizar publicamente alguns provérbios e ditados já conhecidos e, em seguida, deveriam tentar estabelecer relações de sentido entre esses aforismos, o perfil psicológico dos animais explorados na atividade anterior e os possíveis papéis que poderiam desempenhar na sociedade. A realização dessa atividade foi fundamental para que os professores em formação encontrassem o fio condutor para a narrativa da fábula: o argumento a ser defendido, aspecto esse do gênero que ainda parecia invisível a alguns participantes. Isso porque, embora a superfície textual do gênero fábula seja constituída predominantemente por uma tipologia narrativa, o discurso orientador dessa narrativa é a argumentação, afinal, o que se espera é que, ao final, o leitor seja convencido sobre o ensinamento/moral da história.

Assim, munidos dos conhecimentos necessários à produção do gênero, a atividade final do minicurso consistiu na escrita orientada para a representação teatral de uma fábula. Os participantes, em pequenos grupos e de forma colaborativa, definiram o título, os protagonistas da fábula, o argumento a ser defendido (moral/ensinamento) e, no entremio disso, as estruturas linguísticas que iriam utilizar em defesa do argumento proposto. Cada grupo, por vez, fez a representação teatral da fábula, atentando para os aspectos prosódicos, tais como entonação, ritmo e intensidade, e corporais (gestos, expressão facial, postura etc.), os quais, à medida do possível, eram regulados pelo professor formador. Por meio dessa atividade, os participantes vislumbraram possibilidades didáticas de implementação de atividades de retextualização no itinerário, além de perceberem a necessidade de o professor propor um projeto comunicativo relevante para o ensino do gênero.

Durante o itinerário das produções escritas à produção oral, os participantes mobilizaram capacidades de ação, discursivas, linguístico-discursivas e multimodais importantes para a realização da atividade proposta. Todavia, conforme já sinalizamos, os dados referentes a essas produções, em especial às

---

<sup>11</sup> Alguns desses provérbios e ditados populares podem ser encontrados em: <https://www.todamateria.com.br/proverbios-e-ditados/>. Acesso em 02/04/2019.

concernentes às representações teatrais, serão tratados em um próximo artigo (DOLZ, LIMA e ZANI, no prelo).

## DOS POSSÍVEIS DESDOBRAMENTOS PARA AS PRÁTICAS ESCOLARES

Como já expusemos neste artigo, o minicurso enquanto dispositivo de formação docente ainda possui algumas limitações, dentre as quais está a não garantia de que haverá um prosseguimento ou até mesmo uma incorporação da experiência vivida às práticas de ensino nas escolas, ainda que o professor formador tenha solicitado aos participantes uma devolutiva em forma de relatos de experiências ou atividades. Prova disso é que, após a conclusão do minicurso, só recebemos um retorno de aplicação do itinerário em outro espaço formativo<sup>12</sup>.

Assim, com base nesse único relato e no que experienciamos ao longo do minicurso, apontamos para dois possíveis desdobramentos do itinerário com o gênero fábula nas práticas escolares, conforme ilustram os esquemas da Figura 2.

Os projetos comunicativos aqui apresentados propõem a realização de um “teatro das fábulas”, porém com itinerários distintos.

A primeira modalidade de itinerário focaliza a realização de ateliês com atividades que articulam a leitura, a escrita e o oral. Após a apresentação do projeto comunicativo, os alunos deverão realizar a leitura de um exemplar do gênero fábula e, em seguida, realizar uma primeira produção do gênero (produção escrita inicial). Esta etapa do ateliê permite ao professor fazer um diagnóstico das capacidades de linguagem iniciais dos alunos, de modo a planejar a etapa seguinte, com a realização de novas atividades de leitura e de escrita com vistas à apropriação de algumas dimensões do gênero, o que resultará em uma segunda produção escrita. Por fim, os alunos realizarão uma atividade de retextualização da escrita para o oral (primeira produção oral) sobre a qual o

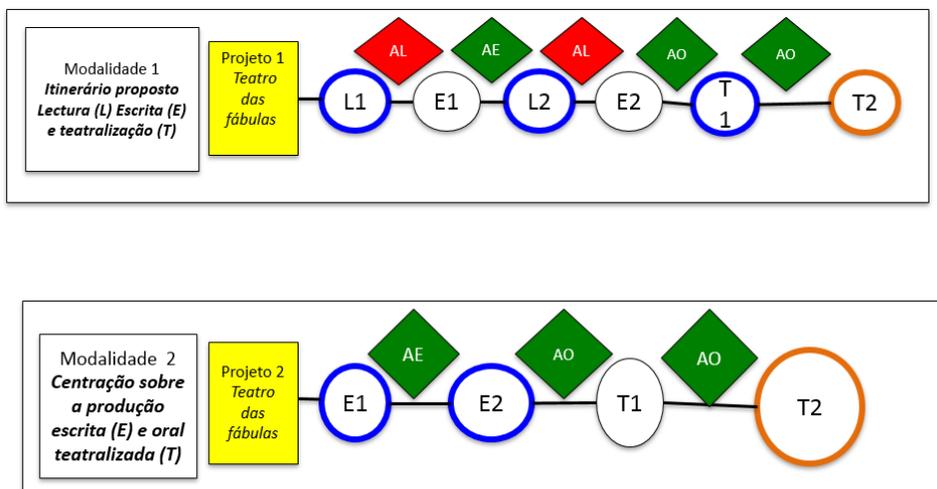
---

<sup>12</sup> Fazemos referência aqui à oficina “Sequências didáticas para o ensino de gêneros na perspectiva da Escola de Genebra”, realizada pelo professor Dr. Gustavo Lima com licenciandos em Letras, no âmbito do Programa Residência Pedagógica da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco, no dia 04/04/2019, com carga horária de 3 horas.

professor também realizará uma avaliação das capacidades de linguagem dos alunos e fará as intervenções necessárias para a segunda produção oral, que será a representação teatral do gênero. Desse modo, ao longo dessa proposta de itinerário, os alunos irão realizar quatro produções (duas escritas e duas orais).

**Figura 2 - Itinerários**

**Experimentação das duas modalidades de itinerário, adaptadas pelos professores** (A = ateliers; L = Leitura; E = escrita; O = oral; T = representação teatral)



Fonte: elaborado pelos autores

A segunda modalidade de itinerário com o gênero fábula contempla a realização de ateliês com atividades que articulam apenas a escrita e o oral. Nessa proposta, após a apresentação do projeto, os alunos devem ser convidados a realizar uma produção inicial do gênero (primeira produção escrita), a partir da qual o professor avaliará as capacidades iniciais de linguagem já adquiridas pelos alunos e irá propor novas atividades com base nas dificuldades encontradas. O objetivo aqui é o mesmo do anterior: fazer com que os alunos dominem melhor o gênero em questão e realizem uma nova produção (segunda produção escrita). O desfecho desse itinerário é idêntico ao primeiro, ou seja, os alunos irão retextualizar da escrita para o oral (primeira produção oral) e, com base nas

dificuldades encontradas nessa produção, o professor irá intervir para que os alunos possam desenvolver as capacidades de linguagem necessárias à representação teatral do gênero (segunda produção oral). Assim como ocorreu no primeiro itinerário, os alunos também irão realizar quatro produções (duas escritas e duas orais).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No intuito de desvelar as potencialidades do gênero fábula como objeto ensinável nas aulas de língua portuguesa, os participantes do minicurso foram desafiados a produzir uma versão brasileira da fábula clássica, incorporando a ela elementos da cultura e da fauna local. Para tal, exploramos, no itinerário, algumas dimensões desse gênero, tais como a caracterização dos estereótipos das personagens, a planificação da estrutura narrativa, o diálogo argumentativo entre as personagens, a construção da moral, bem como suas características linguístico-discursivas. Os resultados da proposta comprovaram a legitimidade da fábula como um gênero em potencial para ampliar o letramento dos alunos, bem como evidenciaram a pertinência das dimensões privilegiadas do gênero no modelo didático proposto. O desafio de adaptar a fábula clássica ao contexto brasileiro também se mostrou um caminho produtivo para os professores desenvolverem estratégias didáticas que possibilitem a incorporação das experiências e das vozes dos alunos ao gênero.

O minicurso, enquanto dispositivo de formação, tratou de articular os conteúdos trabalhados às competências didáticas dos participantes e, indiretamente, contribuir para o desenvolvimento das capacidades de linguagem orais e escritas dos alunos. Podemos, assim, falar de uma dupla adaptação do dispositivo de formação minicurso: ao desenvolvimento profissional dos participantes e ao desenvolvimento das capacidades de linguagem dos alunos.

Didaticamente, avançamos na proposta original de sequência didática (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004) ao propormos um itinerário por meio da inserção de atividades metacognitivas (COLOGNESI & DOLZ, 2017) e de retextualização (MARCUSCHI, 2001), que permitiram a articulação entre os eixos da escrita, da oralidade e da leitura. Ademais, houve a abertura de uma rede de diálogo com outros gêneros associados à produção da fábula, tais como: o artigo enciclopédico sobre animais, que auxiliou na caracterização das

personagens; e os provérbios e ditos populares, os quais orientaram a construção da moral da fábula.

Como vimos, esse movimento levou o professor formador a realizar a planificação das atividades do minicurso em cinco etapas, a saber: 1) produção escrita inicial de uma fábula; 2) leitura de um exemplar do gênero fábula e de outros gêneros a ele associados (artigos enciclopédicos e provérbios populares brasileiros); 3) atividades lúdicas visando a escrita do gênero fábula; 4) representação teatral da fábula; 5) elaboração de propostas para o ensino do gênero fábula. Outros gestos do formador (DOLZ & GAGNON, 2018), tais como a mobilização e a operacionalização de saberes científicos à ação formativa, o compartilhamento de saberes e experiências entre os participantes, a avaliação *in loco* das produções e a reflexão conjunta acerca da performance dos docentes também desempenharam um papel preponderante no desenvolvimento profissional dos professores. Isso só foi possível porque o professor formador e os participantes trabalharam de forma colaborativa no âmbito do dispositivo didático itinerário, vislumbrando novas possibilidades de ensinar o gênero fábula, com vistas ao desenvolvimento das capacidades de linguagem dos alunos. Assim, a proposta confirmou a eficácia de uma engenharia colaborativa entre pesquisadores, formadores e professores no compartilhamento de saberes e de experiências durante o minicurso para o aprimoramento das estratégias didáticas.

Por fim, reiteramos aqui as potencialidades do minicurso como um importante dispositivo para a formação continuada do professor. Apesar da limitação do tempo pedagógico imposta pela formatação do evento científico, o minicurso apresentou-se como mais um espaço para discutir conjuntamente questões de ensino e de aprendizagem, por meio de reflexões teóricas e de simulações de situações didáticas que contribuam para o desenvolvimento profissional do professor. As interações entre os participantes e a colaboração mútua se mostraram bastante significativas e funcionaram como vetores de profissionalização e de introdução às inovações didáticas. Podemos assim dizer que o minicurso clássico se reconfigurou, deixando para trás o seu status estritamente teórico, e passou a se constituir como um espaço reflexivo de formação docente.

A combinação de atividades presenciais e a distância no minicurso viabilizou a circulação de saberes, a troca de experiências e a integração de profissionais de diferentes regiões brasileiras. Em razão disso, defendemos a implementação do minicurso como um dispositivo híbrido de formação de

professores em âmbito nacional, desde que oferecidas as devidas condições para a sua execução, o que inclui, dentre outros aspectos, a aquisição de computadores, o acesso à internet e a disponibilização de ferramentas tecnológicas aos professores.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, M. Fábulas fabulosas. In: CARVALHO, Maria Angélica Freire de, MENDONÇA, Rosa Helena (orgs). **Práticas de leitura e escrita**. Brasília: Ministério da Educação, 2006. 180 p. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/grades/salto\\_ple.pdf](http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/grades/salto_ple.pdf). Acesso em 27/05/2020.

CICUREL, Fr. **Les interactions dans l'enseignement des langues - Agir professoral et pratiques de classe**. Paris: Didier, 2011.

COLOGNESI, S.; DOLZ, J. Faire construire des scénarios pour développer les capacités orales des élèves du primaire. In: J.-F. de Pietro, Carole Fisher & R. Gagnon (Ed.). **L'oral aujourd'hui : perspectives didactiques**. Namur : Presses Universitaires de Namur, 2017. Disponível em: <https://archive-ouverte.unige.ch/unige:97894>. Acesso em 01/06/2020.

DEZOTTI, M. C. C. (org.). **A tradição da Fábula: de Esopo a La Fontaine**. - Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.

DOLZ, J & GAGNON, R. **Former à enseigner la production écrite**. Lille: Presses universitaires du Septentrion, 2018.

DOLZ, J.; LIMA, G.; ZANI, J. B. Representação teatral do gênero fábula: uma experiência de formação continuada no âmbito de um minicurso. In: Tânia G. Magalhães, Luzia Bueno, Gil R. C. Negreiros e Débora A. G. Costa-Maciél (Organizadores). **Oralidade na formação docente: experiências formativas (provisório) (no prelo)**.

DOLZ J., NOVERRAZ, M. e SCHNEUWLY, B. (2004). Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY,

B & DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. p.95-128.

GOIGOUX, R. Ressources et contraentes dans l'enseignement de la lecture au cours préparatoire. Dans B. Schneuwly & Th. Thévenaz-Christen (Eds). **Analyses des objets enseignés**. Le cas du français (p. 67-91). Bruxelles: De Bock, 2006.

HOFSTETTER, R. & SCHNEUWLY, B. **Savoir em (trans)formation**. Au aeur des professions de l'enseignement et de la formation. Bruxelles: De Boeck, 2009.

MARCUSCHI, L.A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

NONNON, É. **Enjeux, tensions, limites et leçons d'une écriture curriculaire: un référentiel de français pour la formation des professeurs d'école**. Dans S. Plane & F. Ropé (Eds). Former à enseigner le français à l'école, Repères, 16, 53-92, 1997.

PORTELLA, O.O. **A fábula**. In: Letras. Curitiba: UFPR. Vol.32, 1983. p.119-138.

SANTOS, I. **A fábula na literatura brasileira: de Anastácio a Millôr, incluindo Coelho Neto e Monteiro Lobato**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Literatura. Florianópolis/SC: UFPR, 2001. 162p.

SÉNÉCHAL, Kathleen, DOLZ-MESTRE, Joaquim. Validité didactique et enseignement de l'oral. In: Sénéchal, K., Dumais, C. & Bergeron, R. (Ed.). **Didactique de l'oral : de la recherche à la classe, de la classe à la recherche**. Côte Saint-Luc : Peisaj, 2019. p. 19-41. (e.Cogito) <https://archive-ouverte.unige.ch/unige:129045>

SBSI - **Simpósio Brasileiro de Sistemas de Informação - SBSI 2016**, Florianópolis, 17 a 20 de Maio de 2016. Disponível em: [http://sbsi2016.ufsc.br/?page\\_id=98](http://sbsi2016.ufsc.br/?page_id=98). Acesso em 20/05/2020.

VANHULLE, S. Des sujets apprenants aux objets didactiques, um mouvement dialectique. Dans B. Schneuwly & Th. Thévenaz-Christen (Éds). **Analyses des objets enseignés**. Le cas du français (p. 215-231). Bruxelles: De Bock, 2006.



ZANI, J. B. **A comunicação oral em eventos científicos**: uma proposta de modelização para a elaboração de sequências didáticas. 2018. 303f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade São Francisco, Itatiba, 2018.

*Recebido em 16 de junho de 2020*

*Aprovado em 28 de agosto de 2020*